

Uns querem e outros não

Moradora da quadra 105 do Sudoeste, a gerente de vendas Michelle Carvalho, 24 anos, defende a existência de algumas escolas públicas na região.

"Não temos nenhuma. A mais próxima é a da Octogonal. Talvez os moradores não precisem tanto, mas as pessoas que trabalham aqui, muitas das quais dormem no trabalho, não têm com quem deixar os filhos", diz.

Michelle fala com conhecimento de causa: há algum tempo atrás, a babá do filho dela, que vinha de Planaltina de Goiás para trabalhar e não tinha com quem deixar o filho em idade escolar, acabou saindo do emprego em razão da ausência de escolas nas proximidades.

"Cheguei a pegar o carro e ir procurar com ela. Aqui tem muita gente que mora longe, dorme no emprego, e não tem condições de pagar quase R\$ 1 mil de mensalidade", comenta.

Já a funcionária pública Lílian de Sousa Costa Pohl, 41 anos, moradora da quadra 103, admite que deveria existir "pelo menos uma escola", mas, como muitos moradores de sua quadra, foi contra a construção de uma escola pública em um terreno que fica na 103 e está destinado para isso.

"Essa área verde é importante para a comunidade. Além disso, uma das nossas preo-

"Eu ficaria mais tranqüila se Gabriel estudasse aqui. A gente tem medo de acontecer um acidente"

FRANCISCA MORAIS,
MORADORA DA ESTRUTURAL

cupações é o tumulto que uma escola no meio da quadra residencial vai criar", argumenta.

Morando não muito longe do Sudoeste, mas inserida em uma realidade bem diferente daquela vivida pela população de alta renda da região próxima ao Plano, a dona-de-casa Francisca Pereira de Moraes, 27 anos, reclama a existência de mais escolas na Estrutural.

O filho dela Gabriel, oito anos, estuda no Guará, e tem que ir todo dia de ônibus para chegar até lá. "Eu ficaria mais tranqüila se ele estudasse aqui. A gente não paga a passagem, mas tenho medo de acontecer um acidente, das brigas dos meninos maiores", diz a mãe.



■ LÍLIAN POHL É CONTRA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA NA QUADRA